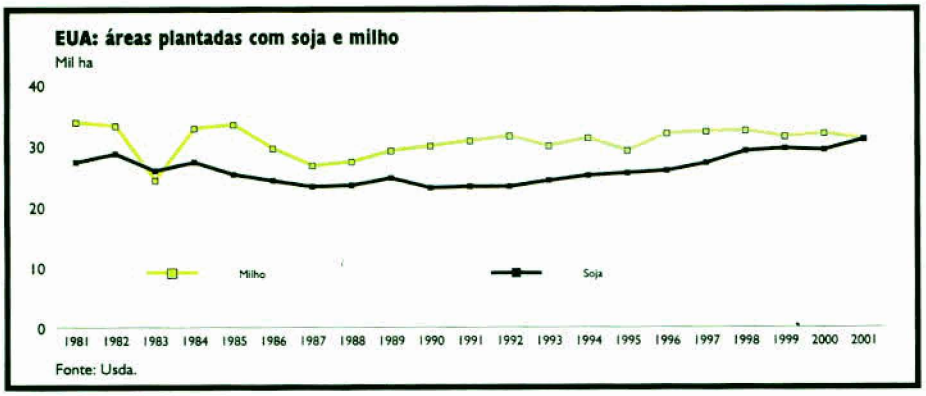
Casa de ferreiro

Mais subsídios ao Farm Bill põem em risco o emblema do liberalismo, no que diz respeito à agricultura

Com a política agrícola plurianual mais liberal da história, o Congresso dos Estados Unidos aprovou em 1996 o Farm Bill, para o período 1997 a 2002. Sempre resistentes à concessão de subsídios, os exultantes parlamentares republicanos a denominaram *Freedom Act*. A premissa básica era de que a agricultura adquirira capacidade para operar ao sabor das livres forças de oferta e demanda.

Tudo faria sentido se as autoridades norte-americanas tivessem levado em conta as razões pelas quais as cotações internacionais dos produtos agrícolas experimentavam uma conjuntura de alta. Os estoques mundiais de cereais e oleaginosas estavam em baixa, com a quebra de produção decorrente das adversidades climáticas no próprio país, no biênio 1993 e 1994. O engano foi utilizar como referência os altos preços daquele momento de escassez para fixar os preços de garantia fixados no Farm Bill.



EUA: economia da agricultura

US$ bilhão

Item	1996	1997	1998	1999	2000	2001
Renda bruta	199,1	207,6	196,6	188,6	196	200
Custos variáveis	159,8	168,6	167,2	170,4	178	179,5
Renda liquida	39,3	39	29,4	18,2	18	20,5
Pagamentos governamentais (1)	7,3	7,5	12,2	20,6	22,1	14,1
Renda líquida total (2)	46,6	46,5	41,6	38,8	40,1	34,6
(1)/(2) %	15,66	16,13	29,3	53,1	55,1	40,7
Dívida	156,1	165,4	172,9	176,4	180,6	182,8
Ativo	1.004,80	1.053,10	1.085,50	1.116,60	1.121,00	1.132,10
Exportação	59,9	57,4	53,7	49,2	50,9	53
Importação	32,5	35,7	36,8	37,3	38,9	40

Fonte: Usda. *Agricultural Outlook*, Apr. 2001.

Área deve crescer

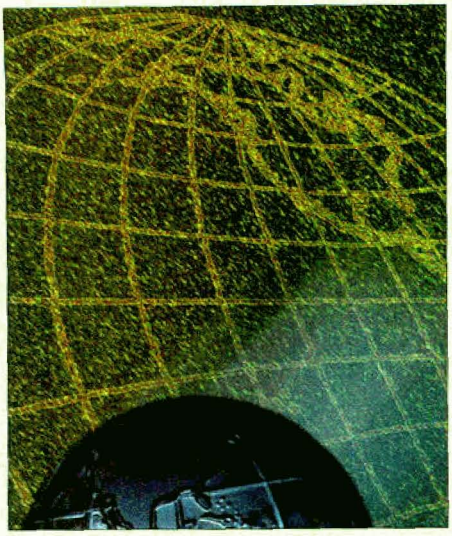
É um tanto cedo para comemorar resultado de safra. O grande fato consiste no ânimo dos agricultores norte-americanos para brindarem o país com mais fartura – garantia da manutenção de seu espaço no mercado mundial, com os excedentes gerados acima do consumo interno. Essa perspectiva enfraquece as cotações de *commodities* agrícolas como o milho e a soja.

O segundo trimestre de cada ano é sempre a prova de fogo. Nesse período, a Bolsa de Chicago invariavelmente trabalha agitada e nervosa. É o chamado *mercado de clima*, quando o desenvolvimento vegetativo das culturas fica exposto às variáveis chuva, seca e doenças.

O primeiro levantamento do Usda sobre plantio aponta crescimento de área na lavoura de soja. A tendência segue o movimento dos últimos anos. A projeção de 31,04 milhões de hectares supera em 3% o número apurado no ano passado.

O tamanho é recorde histórico. Em condições favoráveis, a produção poderá bater de 77 a 63 milhões de toneladas – notícia que faz prever cotação média de US$4,25 por *bushel*, um dos níveis mais baixos desde 1972. Contudo, o governo garante um preço mínimo de US$5,26 por *bushel*. A área ocupada com variedades transgênicas também sobe: passa para 63% contra 54% em 2000.

Com relação ao milho, o quadro não justifica o mesmo otimismo. Na verdade, hoje a soja ocupa uma área antes plantada com o cereal e estima-se uma redução no plantio da ordem de 3,6% – 341,04 milhões de hectares. Com as projeções de aumento no estoque mundial de passagem do produto, porém, as cotações esmorecem e operam ao redor de US$2,12 por *bushel*. O preço de garantia do governo é de US$1,89 o *bushel*. A área ocupada com milho transgênico deverá ficar estável, na base de 25% do total.



Subsídios selvagens

Protecionismo e isolacionismo tornam a política comercial dos EUA nefasta aos países concorrentes

ANTONIO J. T. BUENO

A forma como os norte-americanos percebem a si mesmos e às demais nações elucida, em grande parte, suas políticas internas e externas. Ao longo de sua história, os EUA têm oscilado entre atitudes enfaticamente isolacionistas e protecionistas e pomposas atitudes de grande potência comprometida com o processo da paz, preocupada em cooperar com o desenvolvimento de economias emergentes.

Na prática, apesar de aparentemente conflitantes, essas duas posturas coexistem e se refletem na retórica oficial. O protecionismo e o isolacionismo norte-americanos estão visceralmente relacionados a uma visão autocentrada das questões socioeconômicas, tanto domésticas como internacionais.

O exemplo da soja

A cada ano, os norte-americanos vêm expandindo o plantio da soja, estritamente em função de pesados subsídios, sob a forma de preço mínimo de garantia (*Loan Deficiency Payment*). Apesar dos atuais e mais baixos preços médios das últimas décadas, a expansão do plantio da oleaginosa desde 1990 tem sido inexorável. (ver gráfico da pág. 49).

Ainda que os preços no mercado interno disponível dos EUA venham a despencar ainda mais e atinjam níveis abaixo da cotação recente de US$4,30/*bushel* (US$9,48/saco), o governo norte-americano garantirá US$5,26/*bushel* (US$11,60/saco) a seus sojicultores, bancando a diferença ao custo de bilhões de dólares.

Certamente não foi por acaso que o superávit na balança comercial agrícola estadunidense saltou de US$10,8 bilhões em 1999 para US$12,6 bilhões em 2000. O incremento, neste último ano, de US$1,6 bilhão, deveu-se exclusivamente ao aumento do valor das receitas de exportações norte-americanas de soja e de algodão.

Os subsídios concedidos pelos EUA às referidas culturas, além de afetarem negativamente as balanças comerciais dos países do Mercosul – em cujas pautas de exportação o complexo soja pesa fortemente –, implicam grave redução da renda familiar de seus sojicultores e cotonicultores.

Visão autocentrada

Consideremos um exemplo do que denomino visão autocentrada. O professor Bruce A. Babcock, diretor do Centro para o Desenvolvimento Rural e Agrícola da Universidade de Iowa, formulou a seguinte pergunta durante palestra apresentada no Fórum sobre Perspectivas Agrícolas, em fevereiro deste ano, sob os auspícios do Departamento de Agricultura dos EUA – Usda: "Estarão os contribuintes revoltados a propósito dos US$50 bilhões direcionados a pagamentos assistenciais (*support payments*) em favor dos fazendeiros (estadunidenses), ao longo dos últimos três anos?"

Desconhecemos as respostas que os contribuintes norte-americanos dariam a tal pergunta. Conhecemos de perto, entretanto, as agruras que hoje atingem as famílias de aproximadamente 240 mil sojicultores brasileiros e outros tantos argentinos e para-

Liberalismo? Que liberalismo?

A tese do liberalismo da agricultura norte-americana sucumbiu em menos de dois anos. Em 1998 o Farm Bill teve de ser revisto e recebeu maior dotação orçamentária. Entre 1999 e 2000 os pagamentos governamentais triplicaram em relação período 1996/97.

Com a recuperação das safras, as cotações enfraqueceram e a renda dos agricultores ficou comprometida. Mais da metade da renda líquida da agricultura veio de pagamentos governamentais nos exercícios de 1999 e 2000. O Departamento de Agricultura prevê uma melhoria neste ano, mas ainda é cedo para aceitar essa projeção. A soja, por exemplo, com área e produção maiores, deverá absorver mais recursos do Farm Bill.

Em 1997, os agricultores receberam US$7,5 bilhões, sendo US$6 bilhões no contrato de flexibilidade de área e US$1,5 bilhão no programa de conservação de solo. Naquele ano não houve necessidade de aporte de recursos para garantia de preços e assistência suplementar; as exportações atingiram valores recordes.

Já em 1999 a quantia subiu para US$22,6 bilhões, divididos em US$5 bilhões no contrato de flexibilidade de área, US$2 bilhões no programa de conservação do solo, US$9 bilhões como assistência suplementar e US$5,6 bilhões como garantia de preços (**L.A.P. e R.A.**).